

Ser mãe de uma pessoa com transtorno de espectro autista: um estudo sobre representações e estigmas em séries

Being the mother of a person with autism spectrum disorder: a study on serial representations and stigmas

Marina Dias Faria¹

Resumo: *As representações midiáticas podem ser capazes de criar e reforçar estigmas e estereótipos. Tal cenário é ainda mais frequente quando se trata de grupos que são socialmente invisibilizados. Nesta pesquisa o objetivo foi analisar as representações de mães de pessoas com transtorno do espectro autista em séries. Para isso foram analisadas *Atypical* e *Parenthood*, séries de grande alcance e que são apontadas como emblemáticas no que diz respeito à representação de pessoas com transtorno do espectro autista. As análises mostraram que as tramas trazem representações que reforçam que as mães de pessoas com autismo correspondem ao estereótipo de extremamente dedicadas aos filhos, dispostas a abandonar suas vidas pessoais e profissionais, e responsáveis por manter a família unida, mesmo quando os pais dizem não conseguir lidar com o diagnóstico.*

Palavras-chave: *Mídia; transtorno autista; mãe; representações.*

Abstract: *Media representations may be able to create and reinforce stigmas and stereotypes. Such a scenario is even more frequent when it comes to groups that are socially invisible. In this research, the objective was to analyze the representations of mothers of people with autism spectrum disorder in series. For this, two series *Atypical* and *Parenthood* were analyzed, series of great reach and that*

1 Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Universidade de Coimbra. Coimbra, Portugal
<https://orcid.org/0000-0001-6334-145X> E-mail: marinadfaria@gmail.com

are pointed out as emblematic with regard to the representation of people with autistic spectrum disorder. The analysis showed that the plots bring representations that reinforce that mothers of people with autism correspond to the stereotype of being extremely dedicated to their children, willing to abandon their personal and professional lives and responsible for keeping the family together, even when the parents say they cannot cope with the diagnosis.

Keywords: Media; autistic disorder; mother; representations.

Introdução

A investigação aqui apresentada alinha-se com os estudos feministas da comunicação no que diz respeito à busca por entender como os agentes midiáticos contribuem para perpetuar a desigualdade de gênero. Também em linha com o que é esperado nesse sentido, a pesquisa tem uma perspectiva interseccional (MENDES; CARTER, 2008). Tendo tais questões em foco, o objetivo do presente artigo foi analisar as representações de mães de pessoas com transtorno do espectro autista em séries.

Para autores como Furtado (2020), as práticas de comunicação são capazes de construir formas diversas de opressão sobre os indivíduos. Na presente pesquisa foi empreendido um olhar especialmente atento para as possibilidades de opressão que podem decorrer das representações das mulheres que são mães de pessoas com transtorno do espectro autista em séries. Adicionalmente, também foi fundamental para a realização das análises a perspectiva de Scoralick (2010) de que a representação social em produtos midiáticos diversos é importante no desenvolvimento da identidade da sociedade tanto em nível pessoal quanto no aspecto coletivo.

Mandes e Carter (2008) levantam a importância de se analisar diversos tipos de produtos midiáticos, como as novelas, os *talk shows*, as notícias e os filmes. Ainda que esses autores não discorram sobre séries, pode-se dizer que a base por eles apresentada serve perfeitamente para a análise aqui pretendida principalmente quando falam sobre a importância de mostrar a articulação do capitalismo e do patriarcado nas representações midiáticas.

O foco em séries justifica-se por autoras e autores como Silva *et al.* (2018), que defendem a utilização desse tipo de produto para buscar entender experiências sociais. No mesmo sentido, Pinheiro *et al.* (2016) chamam a atenção para os crescimentos no número de séries produzidas, na audiência delas e na complexidade dos personagens.

No que tange ao foco em mulheres que são mães de pessoas com autismo, cabe o destaque de que pouco se discute sobre a representação midiática, os estigmas e as vivências de tais mulheres. Mais frequentes,

ainda que em quantidade insuficiente, são estudos que focam na representação de pessoas com deficiência (PcD). Tais investigações mostram que as representações reforçam os estigmas da deficiência e a imagem da deficiência como uma dificuldade vivenciada por uma única pessoa (FARIA; CASOTTI, 2014). Sendo as mães também afetadas por esses estigmas (GOFFMAN, 2008), torna-se relevante empreender estudos da representação midiática sobre tais mulheres que são recorrentemente invisibilizadas pela mídia e pela sociedade como um todo.

Representações na mídia: estigmas e identidades

A influência que a mídia tem nos julgamentos e na formação de opinião das pessoas é objeto de estudo de diversos autores e autoras. Isso se justifica porque a sociedade é marcada pela existência de interações interventivas no âmbito midiático. A mídia busca, na maioria das vezes, moldar comportamentos com forte ancoragem em estereótipos e estigmas, o que resulta em falta de empatia, de sensibilidade e de pensamento crítico por parte dos receptores (TONDATO, 2011). Por tal motivo, é preciso incorporar o estudo de canais midiáticos para que possa haver o entendimento das relações entre indivíduos e na própria estruturação de significados sociais (CARVALHO JÚNIOR, 2016).

Scoralick (2010) também pontua a importância e a relevância dos produtos midiáticos na sociedade e como consequência a necessidade de todas as pessoas serem representadas, principalmente grupos já estereotipados e marginalizados socialmente. A principal linha de argumentação da autora é a representação como sendo imprescindível no que diz respeito à reprodução e conquista de direitos e deveres. Para ela, somente assim será possível a discussão dos estigmas.

Seguindo outros autores, Rodrigues (2008) sintetiza que o estigma é complexo, trata-se de um fenômeno social/histórico que ultrapassa os limites do estigmatizado e daquele que o discrimina. Para esse autor é importante entender que o estigma é empregado estrategicamente: produz e reproduz relações e desigualdades sociais. Igualmente importante

é entender como as representações midiáticas têm papel fundamental na criação e manutenção dos estigmas.

Buscar analisar as representações na mídia parte da inquietação provocada por textos como o de Silveirinha (2021), que destaca que o mundo está organizado entre sujeitos centrais e outros “exteriores”, e alerta que é importante pensar nesse desequilíbrio de poder em que reside o carácter notório e historicamente problemático das representações no que se refere, por exemplo, a raça, a classe, a gênero, a sexualidade, a idade ou a deficiência. A mesma autora defende que a relação entre identidade e representação é extremamente forte.

Nesta pesquisa busquei abordar as questões de estigma, identidade e representação de gênero e de deficiência ao focar nas representações de mães de pessoas no espectro autista em séries. No que diz respeito a gênero, autoras como Mendes e Cartes (2008) afirmam que os textos midiáticos contribuem para o reforço e para a construção de estereótipos. Já no que tange ao estigma de PcD, e extensivamente de suas mães, é fácil notar que as representações estigmatizadas ocorrem em cenários e práticas já socialmente construídos no que diz respeito à inserção da pessoa com deficiência na sociedade. Em outras palavras, os produtos midiáticos reforçam os estereótipos já socialmente construídos das pessoas com deficiências, estereótipos esses que não facilitam em nada a inclusão social dessas pessoas (BARRETO *et al.*, 2018).

Ser mãe de uma pessoa com deficiência: mitos, culpas e trajetórias

Pesquisas como as realizadas por Bastos e Deslandes (2008) e Marson (2008) dão conta de que o nascimento de um(a) filho(a) com deficiência representa, pelo menos inicialmente, uma quebra de expectativas. Para as mães esse momento inicial transmuta-se, na maior parte das vezes, em preocupações com os cuidados diferenciados que a criança precisará. Já com os pais é comum o relato de dificuldades de aceitação que geram distanciamento parcial ou, até mesmo, total (PINTO *et al.*, 2016).

A relação das mães com a criança com deficiência tende a passar por um sentimento de culpa por ter gerado uma criança que não corresponde ao mito do filho perfeito (CALVASINA *et al.*, 2007). Tal mito é constantemente reforçado pelas mídias, principalmente nas propagandas, que exibem a imagem dos filhos perfeitos com suas mães ideais sempre felizes, sem nenhum tipo de problema (MENESES; MIRANDA, 2015). A culpa torna-se ideal para manter a opressão patriarcal e capitalista nas vidas dessas mulheres que são, aos olhos da sociedade, mães imperfeitas.

Um dos pontos que se espera que o(a) filho(a) perfeito(a) corresponda é ser independente o mais brevemente possível. Tal demanda tem forte ancoragem no modelo capitalista que enfatiza a autossuficiência (TABATABAI, 2020). Ao serem dependentes, na maior parte das vezes de suas mães, por um tempo mais longo do que o esperado (muitas vezes por toda a vida), as PcD são taxadas de improdutivas e incompatíveis com a vida adulta. Tais ideias estão infiltradas no discurso da “boa mãe” que deve abrir mão de muitas coisas em sua vida para suprir as dificuldades trazidas pela falta de autonomia de seus filhos e de suas filhas com deficiência.

De acordo com os principais teóricos focados nas teorias da justiça, a dignidade pessoal está intimamente relacionada com a independência. Conseqüentemente, os cuidados que as pessoas com deficiência recebem são vistos como uma tentativa de alcançar a maior autonomia possível. Contudo, os seres humanos estão naturalmente sujeitos a períodos de dependência. Sendo assim, Kittay (2011) propõe que ao invés de ver a assistência como uma limitação, pode-se considerar como um recurso na base de uma visão de sociedade capaz para dar conta das inevitáveis relações de dependência entre “desiguais”, garantindo uma vida plena tanto para a cuidadora – como vimos, na maioria das vezes a mãe – quanto para o/a cuidado(a)os que são cuidados.

O que subsiste, entretanto, é a cobrança de um cuidado incondicional com a busca por atender ao mito da mãe ideal, o que, muitas vezes, tem como resultado a culpabilização materna, que vai se refletir em

diversos aspectos da vida dessas mulheres (LIMA; BOTELHO, 2014). Em resumo, a opressão do capacitismo centrada em corpos e mentes “perfeitos” ou “normais”, e o discurso do cuidado como função feminina funcionam em articulação para que “ser mãe de uma pessoa com deficiência” seja um rótulo que determina a identidade de tais mulheres, estigmatizando-as e moldando seus papéis sociais.

Procedimentos metodológicos

Na presente pesquisa foram analisadas as séries *Atypical* e *Parenthood*. Tais produtos midiáticos foram escolhidos porque tiveram um grande alcance e são apontadas como séries emblemáticas no que diz respeito à representação de pessoas com transtorno do espectro autista². Adicionalmente, tais séries mostram-se importantes para o objetivo principal da pesquisa porque ambas apresentam de maneira bastante presente as famílias das personagens com autismo, em especial suas mães.

Os quadros apresentados abaixo sintetizam algumas características das duas séries que podem ser importantes para o entendimento das análises que serão empreendidas na próxima seção.

2 Seção minha série da TecMundo “5 personagens de séries que ajudam a entender o autismo”. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/minha-serie/169119-5-personagens-de-series-que-ajudam-a-entender-o-autismo.htm>. Acesso em: 7 set. 2021.

Quadro 1. Características da série *Atypical*

Série	<i>Atypical</i>
Quantidade de temporadas	4 temporadas
Quantidade de episódios	38 episódios
Lançamento	2017
País	EUA
Plataforma	Netflix
Personagem com autismo	Sam Gardner
Gênero do personagem	Masculino
O personagem na série	Sam é um adolescente autista que decide arranjar uma namorada. A sua busca por independência lança toda a família numa viagem de autodescoberta.
Mãe	Elsa
Família	Pai – Doug Irmã - Casey

Fonte: Elaborado pela autora

Quadro 2. Características da série *Parenthood*

Série	<i>Parenthood</i>
Quantidade de temporadas	6 temporadas
Quantidade de episódios	103 episódios
Lançamento	2010
País	EUA
Plataforma	Prime Video
Personagem com autismo	Max Braverman
Gênero do personagem	Masculino

Série	Parenthood
O personagem na série	Max é diagnosticado no início da série e durante a trama enfrenta problemas com relações interpessoais, passa por um drama com inclusão educacional, mas se apaixona pela fotografia, que o ajuda a superar problemas. A série também conta com outro personagem que tem o diagnóstico de autismo só quando adulto. Esse personagem não tem destaque na análise dessa pesquisa porque não tem sua família (sua mãe) representada.
Mãe	Kristina Braverman
Família	Pai - Adam Braverman Irmãs - Haddie Braverman e Nora Braverman

Fonte: Elaborado pela autora

As séries que compõem o material que foi analisado na pesquisa foram assistidas integralmente, com possibilidade de pausas, por meio das plataformas de *streaming*. A metodologia escolhida para a análise das cenas deste trabalho foi a análise de conteúdo. Essa escolha foi feita porque possibilita a análise não só das falas das personagens, mas também das cenas como um todo (cenários, figurinos, interações entre as personagens) (SILVA; FOSSÁ, 2015; MORAES, 1999).

Para auxiliar na construção das análises, uma vez que era muito material para ser organizado, foi usada uma planilha no Excel com variáveis escolhidas com base na revisão de literatura. Tal planilha foi sendo preenchida com informações relevantes de cenas que foram selecionadas por serem importantes para o entendimento das representações das mães de pessoas com autismo. As variáveis observadas com foco nas personagens Kristina e Elsa disseram respeito a questões como: 1) emprego/atividade profissional; 2) relação com o filho; 3) relação com outros membros da família; e, 4) desempenho de funções de cuidado.

Para a apresentação dos resultados, decidi dividir a seção em duas partes. Na primeira, faço um apanhado geral para descrever e analisar separadamente as representações de cada uma das duas personagens no que tange principalmente às variáveis apresentadas acima. Na segunda

parte, produz uma conversa entre as representações de Elsa e de Kristina dividida nos seguintes tópicos: 1) o diagnóstico e o sentimento de culpa; e, 2) independência para mães e filhos.

Apresentação e análise dos resultados

Caracterização e análise da personagem Elsa (*Atypical*)

A personagem Elsa é mãe de Sam, adolescente com autismo, e de Casey. Casada com Doug, ela assume completamente as tarefas relacionadas aos cuidados com a família. A personagem reforça o estereótipo da mãe que ao ter um(a) filho(a) com deficiência assume toda a responsabilidade com seus cuidados (KITTAI, 2011). Assim como apontam autores como Lima e Botelho (2014), Elsa cuida incondicionalmente do filho, se envolve em todas as suas atividades e tem muito pouco tempo, ou nenhum, para sua vida independente da vida do filho.

No que diz respeito à atividade profissional, ela também corresponde ao que a literatura aponta como muito comum, a mãe que deixa de trabalhar após o nascimento do filho (BALABANIS *et al.*, 2012). Apesar de ser cabeleireira, a personagem não exerce mais a profissão desde que Sam nasceu. A relação de Elsa com o filho é muito próxima e repleta de mecanismos de controle. Na série o jovem está exatamente em busca de mais independência, reivindicando seu lugar como adulto na sociedade. Essa busca pelo reconhecimento de que é adulto é extremamente incômoda para a mãe. Ao ver o filho com mais autonomia, a personagem não sabe nem mesmo o que fazer com o seu tempo livre.

A relação de Elsa com a filha Casey é marcada pela demanda por parte da mãe de que a filha seja responsável pelo seu irmão. Em determinado momento da trama existem muitas brigas entre as duas, uma vez que Casey começa a cobrar que a vida dela seja independente da do irmão. A atribuição de responsabilidade para as irmãs, no que diz respeito ao cuidado do irmão ou da irmã com deficiência, também é algo

apontado em pesquisas acadêmicas que entrevistam famílias de pessoas com deficiência (PINTO, 2011).

Já a relação entre Elsa e o marido é muito conflituosa no início da trama, os dois chegam a se separar. Sabe-se que Doug saiu de casa quando Sam era pequeno por, segundo ele, não conseguir lidar com a deficiência de seu filho. Essa situação e o pouquíssimo envolvimento que o pai tem com o filho são pontos marcantes para o relacionamento de Doug e Elsa. A relação desses dois personagens ilustra perfeitamente o que ocorre com muitos casais que têm filhos com deficiência. A literatura mostra que é comum que o pai se afaste do filho e da família como um todo, ficando a mãe com todas as responsabilidades (PINTO *et al.*, 2016). Cabe o destaque de que nessa trama, o pai sai de casa, deixa a Elsa com os filhos e depois ela se envolve com outro homem e é extremamente crucificada por isso. Existe um julgamento explícito de que ela é a única culpada pela separação por ter traído. Ao longo da série, Elsa e Doug se reconciliam e reforçam a representação social de que tudo que o homem faz, principalmente não assumir os cuidados com o filho com deficiência, deve ser esquecido pela mulher em prol de manter a família.

No fim da trama, Sam adquire muito mais independência e se aproxima do pai. Elsa, entretanto, nunca se conforma com a maior liberdade do filho e sofre ao vê-lo mais independente. Toda a série reforça a visão da mãe como controladora que não quer que o filho tenha a sua própria vida. Esse tipo de representação é extremamente prejudicial e joga a culpa da exclusão social vivenciada pelas pessoas com deficiência nas mães, além de diminuir a responsabilidade do pai e da sociedade como um todo.

Caracterização da personagem Kristina (Parenthood)

A personagem Kristina é a mãe de Max, um menino que recebe o diagnóstico de autismo logo no início da trama, e também de Haddie e de Nora. Ainda que o pai, Adam, tenha participação ativa na vida de Max, em muitos episódios fica claro que a sobrecarga está toda em Kristina,

pois é ela quem se ocupa das principais funções de cuidado do dia a dia. Ou seja, ainda que Adam não abandone o filho após o diagnóstico, o que é muito comum (KITTAI, 2011), a responsabilidade dos cuidados fica quase exclusivamente com Kristina. Em alguns momentos da trama, inclusive, fica a impressão de que Kristina deve agradecer por ter um marido que não abandonou a família.

A história da personagem é muito representativa da dicotomia entre o espaço público e o privado – que é destacada na literatura acadêmica (CANO, 2016) – uma vez que no início da trama ela não trabalhava. Posteriormente, o(a) espectador(a) fica sabendo que antes do nascimento do filho ela trabalhava em campanhas políticas. Mais para o fim da trama, ela própria se candidata a um cargo político. Durante os episódios nos quais a personagem decide concorrer e fazer a sua campanha, muitas são as cenas em que outros personagens questionam como ela conseguiria conciliar a vida pública, política, com suas atribuições de mãe de uma criança atípica. Tal discussão, sobre a presença dessas mulheres nos espaços públicos e de poder, é urgente e fundamental para se questionar a exclusão social das mulheres que são mães de pessoas com deficiência.

Ainda no que diz respeito ao aspecto profissional, Kristina perde as eleições e acaba abrindo uma escola voltada para crianças que têm transtorno do espectro autista. Nesse ponto da trama o enredo se aproxima muito das histórias de vida de muitas mulheres que modificam suas trajetórias profissionais para proporcionar melhor acesso à educação aos seus filhos (PINTO, 2011). Não posso deixar de salientar que pode ser muito complicado acreditar que soluções como a encontrada pela personagem são viáveis para a maior parte das famílias. Logicamente, abrir uma escola é algo que demanda muito esforço, conhecimento e recursos financeiros que não estão ao alcance de quase nenhuma família. Adicionalmente, é extremamente complicado pensar que as falhas do sistema de ensino, que é, na quase totalidade das vezes, inadequado para as crianças e jovens com deficiência, devem ser corrigidas com soluções individuais. Ensino de qualidade e acessível para todos deveria ser

compromisso do poder público e não responsabilidade de cada família e/ou de ações pontuais.

A relação da Kristina com o filho é extremamente próxima e baseada na tentativa de proporcionar-lhe independência. Um ponto importante na trama é quando um personagem, Hank, recebe o diagnóstico de autismo já adulto. Para Kristina, saber que Hank possui uma profissão (fotógrafo) e uma vida independente é extremamente reconfortante, deixa-a com esperanças com relação ao futuro de Max.

Além de Max, Kristina tem duas filhas. A relação com a mais velha Haddie é completamente marcada pelas cobranças de que a adolescente deve ser responsável pelos cuidados com o irmão. Muitas cenas mostram embates entre as duas, uma vez que a menina quer ir estudar em outra cidade e ter uma vida menos atrelada à de Max. Kristina comporta-se com Haddie como se tivesse que prepará-la para assumir o irmão, comportamento comumente apresentado por mães de pessoas com deficiência (PINTO, 2011). A outra filha, Nora, nasce durante a trama e existe a suspeita, que não é confirmada até o fim da trama, de que ela também estaria dentro do espectro autista.

Reflexões cruzadas sobre Kristina e Elsa

O diagnóstico e o sentimento de culpa

A literatura sobre pessoas com deficiência aponta que o momento do diagnóstico costuma ser um ponto de virada para as famílias. Principalmente para as mães que, muitas vezes, acabam por se culparem pela deficiência dos(as) filhos(a) (CRISOSTOMO *et al.*, 2019). A personagem Kristina, ao contrário de Elsa que já inicia a série com o filho adulto e diagnosticado, vive na trama a descoberta do diagnóstico do filho. Assim como aponta a literatura (BASTOS; DESLANDES, 2008; MARSON, 2008), a personagem fica extremamente impactada com a notícia e busca explicações que passam pela sua culpabilização da deficiência do filho. No momento do diagnóstico ela questiona o médico:

“Doutor, o senhor pode ser sincero, eu tenho culpa por ele ser assim? Eu podia ter feito algo diferente? E agora o que eu tenho que fazer?” A última pergunta de Kristina, na fala acima transcrita, demonstra que ela pretende assumir o compromisso de fazer o que for preciso para que o filho tenha uma boa qualidade de vida. Tal senso de responsabilidade está atrelado ao mito do amor condicional e da mãe perfeita, que pode abrir mão de qualquer coisa pelo(a) filho(a) (CALVASINA *et al.*, 2007). Apesar da série não retratar o momento do diagnóstico de Sam, existem cenas nas quais os personagens falam sobre esse momento passado. Em uma dessas cenas, Casey (irmã do Sam) questiona seu pai sobre a ausência dele durante oito meses logo que Sam recebeu o diagnóstico. O pai diz não se sentir orgulhoso por ter agido daquela forma e fala sobre as dificuldades relacionadas ao diagnóstico. Na mesma cena Doug se diz muito orgulhoso pela forma como sua esposa passou a se dedicar exclusivamente aos cuidados com o Sam. Acrescenta que a esposa foi maravilhosa e que ele não conseguia aceitar o diagnóstico do filho, diferente de Elsa que se sentiu aliviada, pois já percebia que Sam apresentava comportamentos atípicos e angustiava-se por não saber o motivo. Toda a discussão entre Doug e Casey tem pontos muito fortes de contato com o que de fato ocorre em muitas famílias. O diagnóstico traz grande ansiedade e frustração para pais e mães. Entretanto, a maneira de lidar com a situação é completamente diferente, uma vez que aos pais é permitida/aceita socialmente a opção de não conseguir lidar, se afastar, tomar o seu tempo. Já as mães são impelidas a aceitar rapidamente e começar a agir para proporcionar melhores condições de vida para seus(suas) filhos(as) (PINTO *et al.*, 2016).

Essa necessidade de lidar rápido com o diagnóstico é muito bem ilustrada na fala de Elsa, mãe de Sam, que reproduzo a seguir:

Eu acho que é um alívio, na verdade. Agora sabemos, podemos agir. Eu estava lendo sobre fones com cancelamento de ruído, ajudam bastante em situações em que ele se sente desorientado. É uma ideia tão simples, mas eu nunca pensaria nisso. Faz tanto sentido. Vou à loja comprar um par, e também há outras coisas, podemos fazer mudanças.

O sentimento de culpa por não ter gerado um filho perfeito, apontado na literatura (CALVASINA *et al.*, 2007), aparece de maneira diferente na caracterização de cada uma das personagens. Elsa corresponde à caracterização mais frequente: culpa-se pela condição do filho e, muito por causa desse sentimento, dedica sua vida aos cuidados do menino. No momento em que a série se passa, Sam já é um adulto e é somente nesse momento que a mãe começa a se permitir ter uma vida minimamente descolada da do filho.

Já a personagem Kristina não demonstra se sentir culpada na maior parte da trama. Porém, quando se descobre que a sua sobrinha é superdotada, a personagem se questiona sobre a condição do filho. Nesse momento, cria-se um afastamento entre Kristina e a mãe da sobrinha, irmã do marido de Kristina, com base, mesmo que de forma velada, em uma hierarquia de quem gerou uma criança com deficiência e quem gerou uma superdotada.

Independência para mães e filhos

O capitalismo apregoa que só é um adulto pleno quem é independente (TABATABAI, 2020). Sendo assim, e porque estamos completamente inseridos na lógica capitalista, a perseguição da independência encontra lugar central quando se discute questões relacionadas com a deficiência.

Na trama *Athypical*, a busca por independência é central. Sam trabalha e em seu ambiente de trabalho, uma loja de produtos eletrônicos, ele tem certa autonomia. Porém, ao querer sair de casa, Elsa, sua mãe, coloca várias barreiras e fala em diversas cenas coisas como: “Você acha que pode morar sozinho? Ter uma vida independente? Não pode. Nunca vai ser independente totalmente”.

Kristina, mãe de Max, por sua vez demonstra que espera que o filho seja completamente independente quando for adulto e deposita as esperanças de que isso aconteça se o menino conseguir ter uma profissão: “Eu quero que ele cresça e seja independente. Para isso quero que ele descubra uma profissão que goste e que siga com ela. A fotografia pode ser uma opção”.

Para as duas personagens, Kristina e Elsa, a perspectiva da falta de independência dos filhos no longo prazo causa muito desconforto. As duas falam sobre sentirem que não podem morrer. Esse sentimento já havia sido retratado na literatura como sendo frequente para as mães de PcD (PINTO, 2011). No caso de Kristina, uma parte bastante marcante da trama é quando a personagem descobre que tem câncer de mama. Nesse momento o principal medo dela passa a ser o de o filho não ter quem cuide dele caso ela morra.

No que diz respeito a sua própria independência, a personagem Elsa vive uma mudança de vida conforme vai percebendo que seu filho já não está tão dependente dela. A série mostra essa transformação na vida da personagem que deixa, aos poucos, de se ver somente como mãe e se redescobre como mulher.

Kristina aparece desde o início como mais independente, se comparada a Elsa, mas quando o casal tem outra filha, Nora, e existe a suspeita de que ela também tenha autismo, a mãe tem certeza de que nunca mais terá a sua vida independente da dos filhos.

Considerações finais

No que diz respeito ao compromisso inicial por mim assumido de empreender um olhar atento para as possibilidades de opressão que podem decorrer das representações das mulheres que são mães de pessoas com transtorno do espectro autista, posso afirmar que as séries têm grande possibilidade de reforçar estereótipos com relação a essas mulheres. Foi possível identificar nas análises que as caracterizações das personagens estão amplamente permeadas pela opressão do capitalismo e do patriarcado.

Um exemplo da presença dessa opressão articulada é a representação de Kristina e de Elsa como únicas/principais cuidadoras de seus filhos. Naturalizar tal configuração nas representações midiáticas pode ser extremamente potente para reforçar que é da mulher, nesse caso das mães, a responsabilidade pelo cuidado. Tal responsabilização livra o pai

de muitas questões e retira a mulher de espaços públicos, inclusive de trabalho.

Em resumo, tem-se que as representações por mim analisadas reforçam que a mãe de pessoas com autismo correspondem ao estereótipo de extremamente dedicadas aos filhos, dispostas a abandonar suas vidas pessoais e profissionais e responsáveis por manter a família unida, mesmo quando os pais dizem não conseguir lidar com o diagnóstico. Essa caracterização é obviamente muito prejudicial para essas mulheres, que são impedidas a anularem seus desejos para se tornarem uma extensão das necessidades de seus(suas) filhos(as). Existe, assim, a busca incondicional para corresponder aos padrões de mães perfeitas apregoadas pelo patriarcado e pelo capitalismo.

Como sugestão de estudo futuro, acredito que poderia ser muito frutífero realizar estudos sobre a representação midiática das irmãs das pessoas com deficiência. Nas duas tramas analisadas essas personagens se mostraram bastante ricas em questões importantes para serem analisadas como, por exemplo, a perspectiva de terem suas vidas sempre atreladas às dos irmãos.

Referências

- BALABANIS, G.; MITCHELL, V.; BRUCE, I.; RIEFLER, P. A Conceptual Stress-Coping Model of Factors Influencing Marketplace Engagement of Visually Impaired Consumers. *Journal of Consumer Affairs*, v. 46, n. 3, p. 485-505, 2012.
- BARRETO, L.; MEDEIROS, C.; PAULA, V. Podem as pessoas com deficiência consumir? A ausência de PcDs em peças publicitárias. In: VIII ENCONTRO NACIONAL DE MARKETING DA ANPAD, 2018, Porto Alegre, *Anais...* Curitiba, 2018.
- BASTOS, O.; DESLANDES, S. A experiência de ter um filho com deficiência mental: narrativas de mães. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n. 9, p. 2141-2150, 2008.
- CALVASINA, P.; NOTIONS, M.; JORGE, M.; SAMPAIO, H. Fraqueza de nascença: sentidos e significados culturais de impressões maternas na saúde infantil no Nordeste brasileiro. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 75-92, 2007.
- CANO, J. La “otredad” femenina: construcción cultural patriarcal y resistencias feministas. *Asparkia – Investigación Feminista*, v. 29, p. 49-62, 2016.

- CARVALHO JÚNIOR, E. (2016), Direitos Humanos, Cidadania e as Relações de Consumo no Discurso Midiático. *Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília*, v. 9, n. 2, 2016.
- CRISOSTOMO, K.; GROSSI, F.; SOUZA, R. As representações sociais da maternidade para mães de filhos(as) com deficiência. *Revista Psicologia E Saúde*, v. 11, n. 3, p. 79-96. 2019.
- FARIA, Marina Dias de; CASOTTI, Leticia Moreira. Representações e estereótipos das pessoas com deficiência como consumidoras: o drama dos personagens com deficiência em telenovelas brasileiras. *Organizações & Sociedade*, v. 21, n. 70, p. 387-404, 2014.
- FLORENCIO, Cecília Helena Santiago; FARIA, Marina Dias de. O papel da propaganda na estigmatização de pessoas com deficiência. *Revista Cesumar – Ciências Humanas e Sociais Aplicadas*, v. 26, n. 1, p. 39-52, 2021.
- FURTADO, L. A interseccionalidade e o entrecruzamento das identidades estruturais nas interações comunicativas. *Culturas Midiáticas*, v. 13, n. 1, p. 111-128, 2020.
- GOFFMAN, E. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- KITTAY, E. The Ethics of Care, Dependence and disability. *Juris*, v. 24, n. 1, p. 49-58, 2011.
- LIMA, S.; BOTELHO, D. Culpa das mães para com seus filhos e sua relação com decisões de consumo. In: XXXVIII ENCONTRO NACIONAL DE MARKETING DA ANPAD, 2014, Rio de Janeiro, *Anais...* Rio de Janeiro, 2014.
- MARSON, A. Narcisismo materno: quando meu bebê não vai para casa... *Rev. SBPH*, v. 11, n. 1, 2008.
- MENDES, K.; CARTER, C. Feminist and gender media studies: a critical overview. *Sociology Compass*, v. 2, n. 6, p. 1701-1718, 2008.
- MENESES, V.; MIRANDA, C. Reflexões sobre a cultura da imagem e o imaginário feminino na publicidade. *Revista Observatório*, v. 1, n. 1, p. 171-193, 2015.
- MORAES, R. Análise de conteúdo. *Revista Educação*, v. 22, n. 37, p. 7-32, 2019.
- PINHEIRO, C.; BARTH, M.; NUNES, R. Televisão e serialidade: formatos, distribuição e consumo. *Cadernos de comunicação*, v. 20, n. 2, 2016.
- PINTO, A. M. B. R. *Ser mãe de uma criança com Trissomia 21: sentimentos e expectativas*. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 2011.
- PINTO, R.; TORQUATO, I.; COLLET, N.; FEICHERT, A.; NETO, V.; SARAIVA, A. Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, v. 37, 2016.
- RODRIGUES, A. I. *As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas*. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- SCORALICK, K. Telenovela brasileira: fascínio, projeção e identificação. *Revista Geminiis*, v. 1, n. 1, 68-81, 2010.

SILVA, A.; PASSOS, L.; FREITAS, R. A representatividade feminina em séries: Uma breve análise sobre a personagem Miranda Bailey de Greys Anatomy. In: 41º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO (Intercom), 2018, Joinville. *Anais...*, Joinville, 2018.

SILVA, A.; FOSSÁ, M. Análise de conteúdo: exemplo de aplicação da técnica para análise de dados qualitativos. *Qualitas Revista Eletrônica*, v. 17, n. 1, 2015.

SILVEIRINHA, M. Comunicação, Representação e Identidade. In: COREIA, J. C.; AMARAL, I. (Orgs.). *De que falamos quando dizemos "Jornalismo"*. Covilhã (PT): Editora LabCom, 2021. p. 149-175.

TABATABAI, A. Mother of a person: neoliberalismo and narratives of parenting children with disabilities. *Disability and Society*, v. 35, n. 1, 2020.

TONDATO, M. P. Cultura e ideologia na atribuição de significados aos produtos televisivos. *Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación*, v. 7, n. 4, p. 124-136, 2007.

Sobre a autora

Marina Dias de Faria - Pós-doutora pelo Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (2018-2019). Possui graduação em administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2008), mestrado em Administração de Empresas pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2010) e doutorado em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015). Atualmente é professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Agradecimentos

A presente pesquisa foi realizada com financiamento de bolsa de investigação atribuída pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia proveniente do Orçamento de Estado e do orçamento comunitário através do Fundo Social Europeu (FSE) e do Programa Por_Centro.

Data de submissão: 16/06/2022

Data de aceite: 13/02/2022